

## **Movimentos sociais e as especificidades do movimento de lutas nos bairros vilas e favelas**

Naida Menezes<sup>1</sup>

**Resumo:** Os movimentos sociais voltados para a luta por moradia digna no Brasil vêm se consolidando desde meados do século XX a partir das lutas de entidades representativas de favelas, vilas e bairros. Essas entidades mantiveram, ao longo de suas trajetórias, articulações com variadas instituições, como partidos e igrejas. O presente artigo, pretende contribuir para a análise das articulações entre partidos políticos de esquerda e movimentos sociais através de um estudo empírico sobre a Ocupação Lanceiros Negros, organizada em Porto Alegre (RS) pelo Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB). As análises de Joachim Raschke e de Alain Touraine sobre conflitos sociais e novos movimentos sociais na era pós-industrial são aqui revisados uma vez que as consideramos como importante subsídio para a nossa percepção das dinâmicas que envolvem a trajetória do MLB no Brasil.

**Palavras-chave:** movimentos sociais; MLB; ocupações; partidos políticos, esquerda.

### **Introdução**

No Brasil, existe um movimento com significativo apoio social (simpatizantes, organizações parceiras, sindicatos, entre outros) chamado Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB). Ele é ligado a um partido de extrema esquerda, e esse vínculo resulta em certas especificidades interessantes. Propomo-nos, nesse artigo, a analisar sobre o MLB a partir da Teoria dos Novos Movimentos Sociais, com ênfase nos estudos de Joachim Raschke e de Alain Touraine.

Consideramos importante a concepção de movimentos sociais elaborada por Touraine ao investigarmos ações que conflitam com o sistema econômico social pós-industrial. Ele salienta que os movimentos sociais devem ser compreendidos a partir “do sentido atribuído por certos atores a sua ação” em um sistema econômico social em que a dominação cultural é predominante. Um mundo em que, tanto para os movimentos sociais como para seus adversários, as ações são permeadas por três conjuntos que interseccionam: a exigência de autonomia (ação autônoma individual ou em grupos), a liberdade e responsabilidade individual (TOURAINÉ, 1985, p. 24).

Nossa metodologia de pesquisa envolveu observação participante na ocupação Lanceiros Negros, liderada pelo MLB. Lá acompanhamos uma parte do cotidiano de seus moradores, observamos ações que envolvem organização, metas e sentimentos. Iniciamos nosso contato com o grupo a partir da participação em alguns eventos que o MLB promove na ocupação: palestras

---

<sup>1</sup>Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: contato@naidamenezes.com

abertas ao público e almoço para arrecadar fundos. Mas, também, destacamos em nossa investigação o estudo de conteúdos divulgados pelo Movimento e pelo PCR (Partido Revolucionário Comunista) em vídeos, jornais e redes sociais virtuais.

A partir de nossa pesquisa observamos que a estratégia do MLB de criar um *movimento* pressupõe uma abertura para novas ideias e construções coletivas. Essa abertura poderá representar uma possibilidade de traçar metas envolvendo as comunidades e promover ações coletivas em busca da reforma urbana. Ela também desperta questionamentos em relação às práticas e às demandas voltadas para uma estrutura socialista.

## 1. Mudanças estruturais das últimas décadas e as lutas dos movimentos sociais

Uma das vertentes da pesquisa do sociólogo francês Alain Touraine tem como origem a discordância em relação ao marxismo estrutural. A crítica a essa abordagem teórica dá-se devido à distância que ela mantém em relação a questões ligadas à subjetivação na análise da ação coletiva – subjetivação, esta, presente na teologia revolucionária de Karl Marx antes de “absorver integralmente a lógica teórica da economia política” (ALEXANDER, 1998, p. 13).

Em pesquisa publicada na década de 1980, Touraine considera a categoria movimentos sociais como um “elemento específico da construção social da realidade”, como agente de conflito em relação ao controle dos padrões culturais da sociedade (1985, p. 749). Na história da sociedade capitalista, muito antes do período pós-industrial, os conflitos de classe não apresentavam apenas as forças produtivas e alocação de recursos como causa. Também a necessidade de arrebatamento de recursos culturais, que estavam sob o controle da classe dominante, era fator influente. (TOURAINÉ 1987, apud ALEXANDER, 1998, p.11). Na sociedade industrial, o grande desafio era processar a estrutura e os valores capitalistas a partir de uma visão macrossocial e científica. E também a partir da destruição de valores e aspectos culturais influenciados por antigas instituições como a Igreja, por exemplo. O desafio das nações, das empresas e dos trabalhadores era mais focado para campos estruturais, desafios econômicos e valorativos. No processo de modernização, que acompanhou a era industrial no Ocidente, predominava o pensamento racional, técnico, focado em regulamentos e bens de consumo (TOURAINÉ 1994). Ao longo desse tempo, as ações coletivas estavam mais atreladas à percepção de classe social do que à consciência e luta identitária – seja enquanto morador de determinado espaço ou enquanto parte de determinada etnia ou gênero, por exemplo.

Na era industrial, o capital era fortemente enraizado em uma nação através das indústria, comércio e sistema bancário. As empresas seguiam leis trabalhistas do país em que atuavam, com possibilidade muito remotas de “lançar voo” para outro continente caso encontrassem um país que oferecesse melhores vantagens para maiores lucros. Nesse contexto, era comum que trabalhadores fizessem carreira em empresas, o que favorecia uma relação mais direta com os empregadores e mais profunda com os colegas. Nessa relação digamos, mais direta, entre capital e trabalho, se organizavam conflitos e acordos (FRIDMAN E VACARO, 2014).

A ideia de conflito social estabelece movimento na sociedade, estabelece situações sempre mutáveis aos atores. No entanto, a ação surge a partir das “experiências culturais acumuladas”, o que pode mantê-la dentro de alguns parâmetros pré-existentes (ALEXANDER, 1998, p. 11). Na relação de conflito, o operariado tem uma referência que é subjetivada e que “compartilha com seus adversários, à orientação cultural da sociedade industrial” (TOURAINÉ, 1987, apud ALEXANDER, 1998, p. 12).

Quanto à sociedade pós-industrial, segundo Alain Touraine (1985, p. 778), sobressai-se a dimensão simbólica e a linguagem como produtoras “não apenas de meios, mas de fins de produção”. A sociedade produz demandas relacionadas à vida privada, o que reforça, aliás, sua dimensão utilitária. O final do século XX e início do XXI apresenta uma nova configuração mundial em que as relações são efêmeras. Nem o trabalho nem tampouco o capital escapa dessa dinâmica marcada pela globalização. A globalização, Segundo Fridman e Vacaro (2014, p. 193):

É um processo histórico, que se expandiu e se solidificou por meio da revolução técnico-científica e do avanço dos meios de comunicação e de transporte de massa nas últimas décadas, cujas características, sentidos e consequências afetam a produção da riqueza, a distribuição de poder, o mundo do trabalho, as formas de identidade e os vínculos cotidianos.

Na sociedade pós-industrial se perde a noção exata quanto aos espaços ocupados pelos grupos dominantes e o papel que desempenham. Eles têm, por assim dizer, a capacidade de desaparecer de determinados espaços do mercado, de determinada rede de negócios, de forma que não se lhes encontra facilmente.

Há que se ressaltar, no entanto, que a fluidez atinge todas as dimensões da sociedade: há uma “deslocalização” no mundo do trabalho e também um deslocamento na esfera política (WAGNER, 2002). Nesse contexto, o capitalismo se infiltra em várias dimensões da vida humana “capturando” subjetividades, entrando, através da mídia, por exemplo, no cotidiano das pessoas. “Ao se apropriar da vida ele investe (no melhor sentido de um empreendedor voraz e ávido por um nicho de mercado potencialmente gerador de lucro) sobre essa potência”. (SOARES, 2016, p. 123).

Nesse sistema pós-industrial, o capitalismo, contudo, não escapa totalmente de ações

coletivas que se opõem à destruição do sujeito, de ações geradoras de garantias e barreiras jurídicas a partir de demandas de direitos. Sobre este aspecto, Touraine ressalta a importância para a Sociologia do conceito de “movimentos sociais” para entender as ações e os conflitos da era pós-industrial. “Este conceito não poderia desempenhar um papel central em formas anteriores de pensamento social; pela primeira vez, pode tornar-se a pedra angular da análise sociológica” (TOURAINÉ, 1985). Assim, nos parece que o estudo da “ação social,” que engloba categorias como “conflito” e “movimentos sociais,” pode ser um importante meio para analisar novas representações da vida social.

Joachim Raschke parte do princípio de que os novos movimentos sociais, observados no Ocidente a partir da segunda metade do século XX, não comportam um conceito fechado. É preciso, segundo ele, considerar as fronteiras fluidas, o viés inacabado, ou em suas palavras, o “carácter de busca” dos movimentos. Eles são formados por atores coletivos que representam múltiplas tendências e organizações. As organizações não definem o movimento: “o movimento social sempre é mais daquilo que a organização abarca” (RASCHKE, 1994, p. 123). Os novos movimentos sociais apresentam metas amplas, que buscam alterar algumas estruturas da sociedade, mas essas metas não estão focadas, segundo ele, na transformação completa do sistema social.

Um movimento social é um ator coletivo mobilizador que, com certa continuidade e sobre as bases de uma alta integração simbólica e uma escassa especificação de seu papel, persegue uma meta consistente à levar a cabo, evitar ou anular mudanças sociais fundamentais, utilizando para isso formas organizativas e de ação variáveis (RASCHKE, 1994, p. 124).

No Brasil das últimas décadas, a integração de pessoas que lutam pela moradia a partir de movimentos sociais pode ser exemplo de um ator coletivo com forte poder de mobilização. Os chamados *movimentos dos sem teto*, congregam comunidades de baixa renda, associações de bairro, partidos políticos e redes sociais colaborativas. A história do MLB está ligada a essas ações coletivas e para melhor expor nossa investigação, partimos para um breve olhar sobre a criação e formação desse movimento em Porto Alegre (RS), buscando entender as oportunidades políticas presentes, sua atuação e transformação.

## 2. MLB identidade e identificação

O Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas tem como reivindicação central o direito

à moradia digna e a construção de uma sociedade socialista. Diferente de movimentos similares<sup>2</sup>, ele não carrega no nome a palavra moradia, uma vez que o foco maior é na reforma urbana. Essa é considerada pelo Movimento como instrumento de uma *luta maior da classe trabalhadora para construir uma sociedade diferente, com igualdade, dignidade e direitos para todos* (MLB, 2016). A promoção da mudança interna é vista pelo Movimento como uma etapa para a mudança externa (ABERS E BÜLOW, 2011), ou seja, a conquista do comunismo.

O MLB nasceu em um momento de transformação das práticas políticas dos partidos de esquerda, de certa forma em um contexto de ressignificação dos partidos comunistas e socialistas nos Brasil em relação a sua forma de atuação. Existe uma forte ligação entre o MLB e o PCR (Partido Comunista Revolucionário). O partido surgiu de uma dissidência do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e se propunha a lutar, enquanto uma organização de base marxista-leninista, contra o imperialismo e o latifúndio. Seu espaço mais forte de atuação foi o nordeste brasileiro, escolhido devido ao alto índice de pobreza e concentração de renda (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2016).

O PCR surgiu em 1964, em um período do regime militar quando ainda era possível a atuação de partidos de esquerda que consolidavam suas propostas em grupos como e união estudantis. No entanto, o regime militar acirrou o processo ditatorial criando o Ato Institucional número 5, em 1968. A partir desse ano, os partidos de esquerda ficaram na clandestinidade, mas atuantes. O PCR, por um período de aproximadamente sete anos, permaneceu como um partido de resistência à ditadura militar. Promovia diversas ações de massas como panfletagens nas portas de fábricas, greves e passeatas estudantis – além de ações clandestinas como assaltos a quartéis e incêndios de canaviais. No entanto, o assassinato ou prisão de seus líderes resultou no recolhimento das ações em nome do partido, e os militantes que não foram presos optaram por compor o MR8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro). (PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONÁRIO, 2016).

Assim como o PCR, os demais partidos de esquerda, durante o regime ditatorial, também retraíram suas manifestações devido à repressão. Parte dos militantes que não foram levados para os presídios mantiveram, de certa forma, suas atividades políticas. Sabe-se que participavam de projetos sociais propostos por instituições que permaneceram na legalidade, como grupos eclesiais comunitários e associações de bairro (VASCONCELOS, 1994).

Em 1995, embora não legalizado, foi novamente fundado o PCR. Sua volta à cena política ocorre em um momento da sociedade pós-industrial em que se ressignificam ações e conflitos

---

<sup>2</sup> Movimento de Moradia Para Todos (MMPT), Movimento de Trabalhadores sem Teto (MTST), Movimento de Luta Nacional pela Moradia (MLNM).

sociais. Nesse contexto, o PCR começou a apoiar algumas lutas populares formando dois grupos colaterais: a União da Juventude Rebelião e o MLB.

O Movimento de Lutas nos Bairros Vilas e Favelas foi criado em 1999, mas a primeira ocupação, que ocorreu em Recife e foi chamada de Mércia de Albuquerque, data de 2002. Depois desta ação, o Movimento se espalhou por 13 estados do Brasil, tendo muita difusão no Nordeste (seis dos dez estados), mas com presença em todas as regiões do Brasil (PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONÁRIO, 2016).

De acordo com Silva, no Rio Grande do Norte foram realizadas oito ocupações coordenadas pelo MLB. A ocupação Djalma e a Leningrado “hoje já figuram como conjuntos de moradias já entregue às famílias” (SILVA, 2012, p. 72).

As ocupações, além de cumprirem com metas do Movimento, tem o papel de agregar novos ativistas e simpatizantes que trazem suas ideias e projetos para o grupo, o que o torna menos ocluso e mais comunicativo.

Quando este movimento chegou ao Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, já possuía uma ampla experiência em convocar e reunir pessoas de baixa renda, entre elas os chamados “sem teto”, moradores em locais de risco e pessoas com dificuldades para pagar o aluguel. No entanto, ao entrarem em contato e conviver com comunidades de baixa renda em Porto Alegre, o MLB não estava se aproximando de pessoas que desconheciam o lema “ocupar e resistir”. Antes da formação dos movimentos sociais do século XXI, muitos grupos já se organizavam e lutavam pelo direito de ter uma casa. É sobre esse tema que nos debruçaremos, mesmo que de forma superficial, buscando ampliar nossas possibilidades de orientação.

### **3. Historicidade dos movimentos de favelas vilas e bairros**

Em meados do século XX, configuravam-se experiências, no Brasil, de articulação de grupos que buscavam ações coletivas a partir de reivindicações em comum. Entre eles, destacavam-se entidades representativas de favelas, vilas e bairros. Na primeira década do regime militar (1960), esses movimentos restringiram-se ao espaço institucional possível, mantendo apenas alguns poucos diálogos com órgãos governamentais que estabeleciam os critérios referentes à urbanização e às construções de casas. Já nos últimos anos da ditadura, há registro de protestos. Em 1979, em Porto Alegre, a associação dos moradores da Vila Tronco, após a tentativa de remoção de alguns moradores, apresentou um abaixo assinado “às autoridades” com vinte e cinco mil assinaturas em

que constava a

não aceitação de planos feitos em gabinetes fechados por tecnocratas e exigência de consulta popular no caso de planos que envolvam os moradores (...) já que o objetivo era embelezar a área, não era necessário remover os barracos, bastava fornecer o material que os moradores construiriam belas casas em regime de mutirão (...) novas remoções não serão aceitas (BAIERLE, 1992, p. 290).

Na década de 1980, consolidou-se em todo o Brasil a cultura de vinculação entre grupos que representavam os moradores de vilas irregulares, favelas e demais espaços periféricos da cidade. O Movimento de Favelados de São Paulo reunia as seguintes organizações: o Movimento Comunitário das Favelas de São Paulo e o Movimento de Defesa dos Favelados. Quanto às articulações, o primeiro era apoiado pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro); o segundo pela CUT (Central Única dos Trabalhadores), PT (Partido dos Trabalhadores) e parte da Igreja Católica. Ainda em São Paulo, destacamos o surgimento do Movimento Unificado em 1984. Ele reivindicava a fixação do favelado na terra através do direito real de uso, taxa mínima de água e luz, entre outras coisas (GOHN, 1991).

Em Porto Alegre, na década de 1970, foi criada a União de Vilas, com participação, por exemplo, das 23 associações de moradores da grande Vila Cruzeiro e a União de Vilas da Lomba do Pinheiro (BAIERLE, 1992 p. 294) . A maior parte das ações buscava, a partir de uma visão bastante paternalista, o compromisso do governo com atividades relacionadas à infraestrutura das comunidades.

É interessante perceber como a cidade formou um tecido associativo em que as lutas por moradia digna eram constantes. Esse tecido se incrementou com a criação de movimentos que atuavam na ocupação de prédios ociosos, em espaços centrais da urbe.

Os sem-teto são herdeiros da “miséria do habitat” e tornam-se sujeitos do processo histórico a partir de meados da década de 1990, entre a Constituição de 1988 e o Estatuto da Cidade de 2001, que acaba por explicitar e favorecer a causa com os artigos da política urbana e da função social da propriedade. Além da noção jurídica e “bagagem” política que as lideranças desses movimentos sociais carregam, a ocupação de um prédio revela o início de um projeto maior como proposta de um esquema utópico no edifício ocupado, para além da moradia, mas simultaneamente, perseguindo o atendimento do Estado (BUONFIGLIO; PENNA, 2011, p. 121).

Em 2005, o Movimento de Luta Nacional pela Moradia (MLNM) ocupou um imóvel que foi construído, curiosamente, pelo Banco Nacional de Habitação para abrigar famílias de baixa renda. Este imóvel é hoje conhecido como Ocupação Saraí. Quando houve a ação do MLNM, a Caixa Econômica Federal era a proprietária e o prédio estava abandonado. No entanto, os ocupantes não permaneceram lá muito tempo, foram despejados e o imóvel foi privatizado e vendido.

Depois de esvaziado, foi vendido e deixou de ser federal para se tornar propriedade particular. Um dos membros do crime organizado comprou e o PCC cavou um túnel para assaltar um banco. Depois disso, o movimento ocupou novamente, ainda em 2006, e foi despejado no ano seguinte, em uma grande operação policial. Em 2011, foi realizada a terceira ocupação, em caráter de denúncia, durante a Marcha Estadual de Luta pela Reforma Urbana (PRÉDIO, 2014.)

Localizado na Rua Caldas Junior, centro histórico de Porto Alegre, o imóvel tornou-se um símbolo da resistência do movimento de luta pela moradia, sendo até hoje ocupado por pessoas que se integraram ao MLNM.

Ainda para exemplificar a formação de um tecido associativo entre pessoas desabrigadas podemos citar o assentamento “20 de Novembro”. Depois de cinco anos em que um grupo de famílias ligadas ao MLNM buscava solução para o seu problema de moradia, resolveram ocupar um prédio público abandonado há 50 anos.

Ocuparam o esqueleto do que deveria ter sido um hospital para atender os servidores da Rede Ferroviária da União, em 2012. Depois da privatização da rede, o imóvel do governo federal perdeu sua função. A parte do edifício construído em junho de 1950 que foi ocupada pelas famílias nunca foi utilizada e ficou abandonada durante mais de 50 anos. Ainda durante o governo de Luis Inácio Lula da Silva (PT), houve uma resolução que determinava que imóveis federais sem utilização ou abandonados fossem encaminhados para moradia popular. O prédio da Barros Cassal com a Avenida Farrapos se encaixou na medida. Mesmo assim, o MLNM teve de passar por três anos de burocracia para conseguir ter o prédio de fato em sua posse (CANOFRE, 2017).

O MLB chegou a Porto Alegre, portanto, em um contexto em que os movimentos populares apresentavam significativa bagagem. O conhecimento entre muitas pessoas de camadas de renda baixa sobre seus direitos e a convicção de que é possível lutar era um campo fértil para o MLB que, além disso, teve o respaldo em seus projetos de movimentos parceiros mais antigos.

#### **4. A ocupação Lanceiros Negros, seus moradores, coordenadores e a comunidade**

O MLB, em Porto Alegre, foi inicialmente formado por lideranças vindas de outras partes do Brasil que começam a formar uma rede de solidariedade voltada para a questão da moradia. As pessoas que foram aderindo a essa rede, é bom esclarecer, não se engajavam ao novo movimento apenas almejando um projeto para adquirir moradia, eles terminavam por buscar também um projeto de transformação social através do socialismo.

As lideranças do MLB alimentam um discurso centrado no socialismo e na necessidade dos trabalhadores de se unirem contra o sistema capitalista:

Declaração de princípios do MLB - Lutamos pela reforma urbana e pelo socialismo:

Há séculos que sucessivos governos em nosso país governam somente para as classes ricas, isto é, para os donos das grandes fábricas, dos bancos, das lojas e das terras. Apesar de o Brasil ser rico em ouro, petróleo, ferro, terras férteis e outras riquezas naturais, a maioria dos 180 milhões de brasileiros é pobre.

Nosso objetivo é conquistar a reforma urbana e acabar com as injustiças existentes nas cidades brasileiras contra o povo pobre. Queremos uma sociedade nova e melhor, na qual não haja ricos nem pobres e todos tenham garantido seu acesso à moradia digna, saneamento, transporte, emprego, educação, saúde, trabalho, cultura e lazer! Uma sociedade onde as riquezas produzidas pelos trabalhadores sejam repartidas justamente entre todos os seus membros, e não apenas para alguns, como acontece hoje. Essa sociedade nova e melhor se chama sociedade socialista (MLB, 2016).

O MLB, quando começou a se organizar em Porto Alegre, encontrou como oportunidade política a histórica organização de moradores de vilas e favelas. O fato de já haver ocupações de prédios feitas por outro movimento ligado à moradia foi importante para pensar nas estratégias de ocupação de algum edifício sem função social. Já existia na cidade uma tendência para a colaboração entre as ocupações de diferentes grupos.

O prédio escolhido pelo MLB, em 2015, pertencia ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul – em levantamento realizado no ano de 2013, obteve-se o dado de que 13% dos prédios sob responsabilidade do governo do estado estavam abandonados (PEREIRA, 2013).<sup>3</sup> O imóvel era uma construção do início do século XX, localizado à Rua General Geral Câmara, na região central da cidade. Ele pertencia à companhia de seguros Sul América<sup>4</sup>. No ano de 1928, foi revitalizado, sendo ampliado o número de andares. A Revista Máscara anunciava na época:

Tendo passado por transformações radicais, o antigo prédio da Sul América oferece hoje um conforto e uma elegância verdadeiramente singulares. Acompanhando o grande desenvolvimento dos negócios da poderosa companhia em nosso Estado, podemos dizer que as atuais instalações correspondem perfeitamente, ao seu século de progresso crescente (MÁSCARA, 1928).

No imaginário da cidade, o progresso era uma positiva consequência da modernidade. Ainda no século XIX, a modernização também justificava projetos do governo estadual e municipal de higienização e normatização que geraram profundas transformações na região central de Porto Alegre. Naquele contexto de destruição de cortiços, becos e casebres, foi excluída do centro a maior parte das pessoas de camadas de baixa renda (PESAVENTO, 1992).

O MLB resgatou a história dos “subalternos”, e esses registros sobre as transformações

---

<sup>3</sup> De acordo com pesquisa realizada por Pereira (2013) a partir de dados obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação, “sob responsabilidade do Palácio Piratini, estão, atualmente, 10.908 imóveis – entre terrenos, casas, prédios, apartamentos e boxes – espalhados por 28 regiões do Rio Grande do Sul e, inclusive, em outros Estados. Deste total, 13% estariam vagos [...]” (PEREIRA, 2013).

<sup>4</sup> Em anúncio do Jornal do Comércio de 1901 consta a seguinte nota: “aluga-se sala para escritório no pavimento térreo do Edifício do Sul América à rua General Câmara, canto da Andrade Neves” (ANÚNCIO, 1901, p. 02).

urbanas transformaram-se em um importante argumento: a volta do povo para o centro da cidade, mais especificamente, para um edifício sem função pública, como se apresentava o antigo imóvel da Sul América. Algumas décadas depois da reforma, o prédio passou a ser sede do Ministério Público Estadual. No entanto, nos dez últimos anos que precederam à ocupação, ele permaneceu vazio, servindo apenas para depósito de móveis de escritórios danificados.

Durante os nove meses que antecederam a ocupação, as lideranças do MLB passaram a conviver cotidianamente em algum dos três espaços periféricos escolhidos pelo Movimento: Lomba do Pinheiro, Morro da Cruz e Nova Chocolateira (HAUBRICH, 2015). A partir da chamada à comunidade para reuniões, com participação de lideranças dos bairros, das vilas e demais moradores, as ideias do MLB e suas experiências em outras cidades foram socializadas. Dialogando com os participantes eles construíram um projeto de ocupação.<sup>5</sup>

Ainda nas reuniões que antecederam à mudança das famílias para o prédio desocupado, foi decidido que a nova casa se chamaria “Ocupação Lanceiros Negros” em homenagem aos negros que participaram da Revolução Farroupilha. Também decidiram realizar o ato de ocupação no dia 14 de novembro, data em que ocorreu o Combate de Porongos<sup>6</sup>.

As famílias, como é costume nesse tipo de ação, chegaram ao prédio durante a madrugada do dia quatorze para evitar conflito com a polícia. Alguns ônibus foram disponibilizados para as pessoas carregarem suas roupas, cobertores, água mineral e demais pertences particulares (OCUPAÇÃO LANCEIROS NEGROS, 2016).

Já no primeiro dia os participantes colocaram nas duas fachadas do edifício diversas bandeiras do MLB e faixas em alusão à falta de moradia digna. Durante o primeiro dia, formaram comissões internas de trabalho tais como: estrutura (organização do espaço para cada família e montagem das divisórias feitas com madeira), limpeza e também a comissão de cuidados com as crianças (OCUPAÇÃO LANCEIROS NEGROS, 2015). Após dias de limpeza e consertos, contando com o trabalho técnico de alguns moradores, eles foram estabelecendo funções aos espaços do amplo edifício de três andares.

Para esta pesquisa, tivemos acesso à Ocupação Lanceiros Negros a partir de observação participante em eventos que o MLB organizou na ocupação e também através de três entrevistas

---

<sup>5</sup> De acordo com dados do censo de 2010 divulgados pelo IBGE, o número de domicílios desocupados no Estado do Rio Grande do Sul é de 324.132 (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2013, p. 73).

<sup>6</sup> A Revolução Farroupilha (1835-1845) foi organizada pela elite pecuarista gaúcha contra o governo imperial. Entre os soldados destacavam-se os negros que aceitaram lutar em troca de alforria. No dia 14 de novembro de 1844, ocorreu o Combate dos Porongos, com a vitória dos imperialistas e a morte ou prisão dos soldados da tropa conhecida como “Lanceiros Negros”(Oliveira, 2010).

feitas com os moradores. Em uma das entrevistas, ocorrida após a participação em um almoço para angariar fundos para o Movimento, a pesquisadora e o entrevistado caminharam pelos diversos recintos da ocupação. O entrevistado, que não era líder do MLB, dirigiu-se a todos os andares do prédio explicando a dinâmica do grupo e as vivências que ele acompanhava.

As ocupações do MLB por todo o Brasil chamam a atenção pela disciplina, capricho e organização dos espaços ocupados, sejam edifícios ou terrenos abandonados. A Lanceiros Negros não é diferente. Seus moradores precisam seguir regras, e não são poucas. Tem horário para levantar e para dormir, tem lista de tarefas a fazer (homens e mulheres dividem atividades de limpeza, organização, manutenção, preparação dos alimentos na cozinha coletiva). Lá não é permitido o uso de bebidas e de drogas, sendo que os moradores não estão autorizados a entrar se estiverem em estado alterado. Se alguém incorre em algum erro, como não cumprir com suas tarefas de limpeza, leva advertência e depois de algumas advertências é convidado a se retirar.

Durante os eventos abertos ao público que ocorrem na ocupação, é possível conversar com os moradores. Nesses momentos eles se distribuem, junto aos convidados em pequenos grupos na ampla sala designada para reuniões – que também serve de espaço para a criançada brincar. É recorrente, nessas conversas, os moradores recordarem sobre o dia em que o poder judiciário autorizou o uso da força policial para efetivar a reintegração de posse.

De acordo com os moradores e jornalistas que acompanharam o movimento da Brigada Militar, entre os dias 23 e 24 de maio de 2016, o prédio foi cercado, sendo proibida a entrada inclusive dos moradores que chegavam do trabalho. Um movimento mais efetivo da polícia contra os moradores foi sendo postergada, uma vez que havia resistência dentro do prédio e fora dele, com a participação dos moradores e com apoio de simpatizantes do Movimento (LANCEIROS NEGROS, 2016). Enquanto o impasse permanecia, a assessoria jurídica do MLB negociava um acordo. Até as 6:00 do dia 24, a Brigada Militar manteve o cerco, quando, então, os advogados do Movimento conseguiram uma liminar de suspensão de reintegração de posse, assinada por um desembargador da justiça.<sup>7</sup> A justificativa para a liminar referia-se ao “risco considerável de conflito social” e a necessidade de disponibilizar um local adequado para as famílias (REINTEGRAÇÃO, 2016).

Através do “Diário da Justiça” é possível acompanhar o processo de ocupação do MLB em Porto Alegre a partir das decisões do Tribunal da Justiça do Estado do Rio Grande do Sul

---

<sup>7</sup> Uma cópia do documento assinado pelo desembargador de plantão naquela madrugada pode ser analisado na íntegra. In: GOMES, Luis Eduardo. Decisão judicial suspende reintegração de posse da ocupação Lanceiros Negros. Porto Alegre, **Sul21**, 24.mai.2016. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/decisao-judicial-suspende-reintegracao-de-posse-da-ocupacao-lanceiros-negros/>>. Acesso em: 12.jan.2017.

(GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2016). Em nenhum momento é referida uma possível função social pública para a qual o Governo estivesse pretendendo utilizar o prédio, o que talvez pudesse justificar a necessidade de reintegrá-lo. Apenas se faz referência, em todos os documentos, à necessidade de garantir a propriedade do Governo do Estado em relação ao bem que lhe assiste.<sup>8</sup>

Os moradores de Porto Alegre que começaram a participar do Movimento não aderiram apenas na fase anterior da ocupação, mas foram chegando durante o processo, uma vez que muitos dos primeiros ocupantes não permaneceram. O fato de esses primeiros moradores abandonarem a ocupação Lanceiros Negros está relacionado, entre outros fatores, à pressão diária devido à possibilidade de reintegração e à necessidade de compartilharem diversas regras. Não nos referimos apenas às regras relacionadas ao cotidiano da casa, mas à cobrança por continuarem atuantes no Movimento.

No momento em que um cidadão entra para o MLB, não deve abandonar o Movimento após a ocupação. Ele é convocado a se tornar um ativista das causas relacionadas à reforma urbana. Os integrantes do MLB participam de ações com o objetivo de arrecadar verbas, apoiam outros grupos que estão iniciando e participam de reuniões em que as bandeiras do Movimento são sempre expostas.

As reuniões internas são consideradas fundamentais, são momentos de criação de agenda e meio de manter os participantes mobilizados.

A forma como os ativistas de um movimento de luta pela moradia constroem seu ideal de comunidade socialista (criam projetos em que o socialismo torna-se realidade em determinado espaço e nas ações em rede com outros movimentos sociais) nos aproxima das ideias de Touraine. Definindo o homem contemporâneo, ele afirma que

os movimentos sociais não são mais estimulados pelas imagens de uma sociedade ideal, mas pela busca de criatividade. A tradição utilitária é hoje o limite principal e também o obstáculo para movimentos sociais, tal como era a religião dentro de culturas mais tradicionais (TOURAINÉ, 1985, p. 779).

O MLB nos parece jogar bem com a delimitação das metas, ora utilitárias, sob determinada perspectiva (casa organizada, comida, creche); ora focadas na luta coletiva e criativa por uma cidade melhor, pela reforma urbana no caminho ao socialismo.

Para Joachim Raschke, na sociedade contemporânea “não é importante uma meta que

---

<sup>8</sup> Sobre o novo paradigma acerca da função social da propriedade, ressaltada na constituição brasileira de 1988, ler o artigo de Rochelle Jelineckm publicado pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul. Chama-se: “O princípio da função social da propriedade e sua repercussão sobre o sistema do código civil”. Disponível em: <<http://www.mprs.mp.br/areas/urbanistico/arquivos/rochelle.pdf>>.

busque uma mudança do sistema em seu conjunto, mas sim, pelo menos de alguns dos elementos importantes do mesmo” (RASCHKE, 1994, p. 125). Ao pensarmos no MLB a partir das considerações de Raschke, observamos que as metas envolvem ativistas e simpatizantes e dão contorno ao grupo enquanto *movimento social*. Elas também se apresentam enquanto estímulo, uma vez que o socialismo está ali, dentro da casa, e o sonho de expandi-lo, dessa forma, torna-se mais real.

O sonho torna-se mais real justamente porque a ideia de socialismo é relativizada, comportando novas dimensões. Um exemplo é a noção de “conquista da casa própria”. Essa conquista é vivenciada todos os dias, a partir de uma agência criativa, que envolve individualização e convívio com a família. Mas, ela também é muito marcada pela ação cotidiana junto aos líderes do MLB, formando, entre eles, “laços de consideração” que os mantêm próximos e que tornam a concepção de casa algo muito relativo (MCCALLUM; BUSTAMANTE, 2016). Esses laços são fundamentais na hora em que a conquista toma dimensões épicas, como foi a tentativa de reintegração de posse pela brigada militar em maio de 2016.

Para adentrarmos um pouco mais na organização da ocupação Lanceiros Negros, relacionando-a ao movimento do qual faz parte, nos parece interessante observar as características elencadas por Joachim Raschke. Ao abordar o conceito de Movimento Social, ele enfatiza a presença das metas, como já analisamos, mas também de outras características como a integração simbólica, a reduzida especificação de papéis, a mobilização e também a presença de certa continuidade (RASCHKE, 1994). Nosso estudo analisa apenas três características das elencadas por Joachim Raschke: mobilização, integração simbólica e a reduzida especificação e diferenciação de papéis. Esses quesitos, acreditamos, possibilitam esclarecimentos interessantes acerca do Movimento relacionado à sua época. É, contudo, necessário observar que essa estratégia de percepção teórica é aqui utilizada enquanto ferramenta de pesquisa, e não como suporte teórico do MLB. Aliás, a essa dimensão teórica do MLB, não nos atemos neste artigo, embora seja um importante tema.

#### 4.1 Mobilização

A mobilização, para Joachim Raschke, pode ser caracterizada pela permanente e ativa busca de apoio tanto dos participantes como da comunidade em geral. Isso significa manter a rede de colaboração em constante participação. Nesse quesito, o MLB apresenta várias estratégias, algumas englobando tanto os ativistas (e quando falamos em ativistas estamos nos referindo também aos novos participantes que moram na ocupação) como parceiros e comunidade. A comunidade está

sempre em comunicação com a ocupação a partir dos meios utilizados pelos ativistas para se expressarem. Eles sabem como utilizar o espaço urbano em que se localiza o edifício, mantendo contato com vizinhos e demais cidadãos. Dessa forma, são divulgados em cartazes, na parte externa do prédio, os motivos pelos quais as 70 famílias se mantêm naquele prédio. Além disso, recorrem ao apoio da comunidade escrevendo, em cartazes, sobre a necessidade de emprego naquele momento – uma das fruteiras do entorno contratou certo morador da ocupação, por exemplo. Além disso, instituições como o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, localizados na mesma via, manifestaram seu apoio à ocupação a partir de ações como doação de alimentos.

O “permanecer-en-el-movimento”, como afirma Raschke, também ocorre através de ciclos semanais de “bate-papo” em que se reúnem na casa: intelectuais, ativistas do MLB e de outros movimentos de luta pela moradia, artistas, residentes da ocupação e comunidade em geral. Nessas ocasiões, se debatem temas diversos ligados à cidadania, cultura e direitos humanos, criando na casa também uma função comunitária e cultural.

A mobilização é intensa via redes virtuais de relacionamento. Em uma delas, encontramos registrado o apoio de 7.185 pessoas à ocupação Lanceiros Negros.<sup>9</sup> A rede social, sem dúvida, contribuiu muito para que o Movimento pudesse evitar a reintegração de posse pela Brigada Militar entre os dias 23 e 24 de maio de 2016 (GOMES, 2016).

O MLB apresentou uma rápida inserção em redes de colaboração entre movimentos ligados à moradia, sendo, inclusive, filiado à Central de Movimentos Populares (CMP)<sup>10</sup>. Desta inserção nasceram as manifestações em vias públicas que produziram mobilização de apoio. As manifestações permitiram “visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 112).

## **4.2 Integração Simbólica**

Raschke se refere à necessidade de alta integração simbólica caracterizada por um “sentimiento de nosotros” para a formação de um movimento social. Nesse sentido, salientamos, também, a análise Touraine que, ao se referir à sociedade pós-industrial, ressaltou a produção

---

<sup>9</sup> Pesquisa realizada no dia: 20 jan.2017. Disponível em:<<https://www.facebook.com/LanceirosNegrosRSMLB/?fref=ts>>.

<sup>10</sup> Informação sobre o CMP disponível em: <<http://www.cmp.org.br/>>.

simbólica e a linguagem como produtora “não apenas de meios, mas de fins de produção” (TOURAINÉ, 1998, 778).

O “sentimiento de nosotros” pode se desenvolver através da linguagem, de hábitos e mecanismos simbólicos, envolvendo atos políticos relacionados ao conflito que vivenciam, metas e ideais do movimento (RASCHKE, 1994, p. 124). Nesse quesito, nos parece que a ideia de *framing* (enquadramento) pode contribuir para a compreensão da integração simbólica. Framing, aqui, enquanto construção de significados. Como um fenômeno processual que implica ação e contenção no nível de construção da realidade a partir de um conjunto de crenças, permitindo ao indivíduo determinada subjetivação da realidade, entendendo significados do mundo macro no mundo micro (BENFORD E SNOW, 2000).

Como parte do *framing* presente no Movimento de Lutas nos Bairro Vilas e Favelas, destacamos as palavras de ordem – parte do conteúdo que envolve a manifestação – que constantemente são repetidas, escritas tanto pelas paredes do prédio da ocupação Lanceiros Negros, como em cartazes utilizados durante as manifestações. Citemos algumas:

- Ocupar, lutar e resistir.
- Enquanto morar dignamente for um privilégio, ocupar é um dever.
- Pisa ligeiro, quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro.
- A estrela no céu que brilha é o Che. Viva as crianças do MLB.

A maioria dessas frases, é bom salientar, não é utilizada apenas pelo MLB, é expressa há mais tempo por outros movimentos populares, o que demonstra certa integração entre os grupos.

As palavras de ordem e demais ações que de alguma forma comunicam algo, sensibilizam pessoas externas ao Movimento, uma vez que dão sentido a algumas questões importantes, como a reforma urbana e a desigualdade social (BENFORD E SNOW, 2000).

Nossas pesquisas apontam que a simbologia evocada pela memória coletiva e pelos registros históricos relacionados ao povo gaúcho se apresentaram, também, como importantes objetos de integração simbólica, fundamentais para manter o “sentimiento de nosotros” entre os *lanceiros e lanceirinhos* (termos que agora designam os adultos e crianças participantes da ocupação) e toda a rede a eles ligados.

### 4.3 Reduzida especificação e diferenciação de papéis

Essa característica nos remete a certo impasse. Segundo Raschke, “sem a militância formal – ou fora dela – são possíveis múltiplas e mutáveis formas de participação. A especificação dos

papéis cresce com o grau de organização do movimento” (RASCHKE, 1994, p. 124). A diferenciação de papéis é percebida, sendo possível reconhecer coordenação, ativistas e simpatizantes. Raschke afirma, inclusive, que, embora menos estável do que em organizações formais, a diferenciação de papéis “deixa clara a expressão do processo de poder e a divisão de trabalho” (RASCHKE, 1994, p. 124). Ora, o MLB organiza-se enquanto movimento social – vide as características acima –, no entanto, é formado por uma estrutura nada escassa de especificação e diferenciação de papéis e cargos. A própria organização da ocupação Lanceiros Negros nos dá a ver essa especificidade do Movimento. Em cada andar em que encontramos os lares-dormitórios das 70 famílias (geralmente composto apenas de um pequeno cômodo feito pelos próprios moradores de madeira laminada), encontramos um coordenador do MLB. Os cargos de liderança são formados majoritariamente por militantes do Movimento que vieram de outros estados para criar o grupo no Rio Grande do Sul. A organização da ocupação é pré-determinada pelo Movimento e vigiada por seus coordenadores, e em muitos momentos são eles quem sinalizam o caminho principal a percorrer.

## **5. Considerações Finais**

Diz Joaquim Raschke (1994, p. 125): “o inacabado, a busca, são sinais característicos da maior parte dos movimentos sociais”. Essa afirmação nos faz pensar: onde observamos o “inacabado” nas ações e representações dos integrantes do MLB? Talvez na revisão feita por seus líderes comunistas em relação à representação sobre o trabalhador – sujeito universal cuja principal luta é contra o capitalismo. Essa visão foi, digamos, reinterpretada a partir da valorização de outras dimensões como família e moradia.

É sabido que o comunismo não é a única concepção de mundo da era industrial que sobreviveu até o século XXI, o nazi-fascismo, por exemplo, cresce significativamente. Sendo assim, não pelo ineditismo da permanência e sim pela criatividade quanto à adaptação em relação a era pós-industrial, é que consideramos o MLB importante. A começar pela opção de seus líderes de juntarem-se às famílias de baixa renda em um movimento social que cresce dia-a-dia, não tanto pela bandeira do socialismo, nos parece, mas pela possibilidade de ação a partir de questões relacionadas à vida privada. Uma dessas questões, por exemplo, é o usufruto dos equipamentos urbanos (questionando a remoção das famílias de renda baixa para a periferia das cidades, desnaturalizando a ideia de que o centro da cidade não é lugar para o povo morar).

Embora, a partir da análise feita, nos aproximamos de uma ideia de que o MLB representa

um dos novos movimentos sociais, há que se relativizar essa aproximação uma vez que seus ativistas não estão envolvidos com projetos livres e autônomos. Mas, por outro lado, não é possível afirmar que o MLB é “um braço” de um partido comunista, pois em cada ocupação novos ativistas e líderes criam diferentes estratégias de ação e realizam articulações na esfera pública que influenciam o grupo.

Enquanto *movimento*, o MLB sustenta algumas mudanças de paradigma quanto aos atores sociais que são foco da análise marxista estrutural. Acreditamos que esse movimento, que bem representa outros tantos da era pós-industrial, parte da ampliação do grupo em conflito e da complexificação do grupo adversário. A noção de inimigo, de detentor do poder, é vista de forma relativa, uma vez que ele não se apresenta mais no gabinete da fábrica, e o proletariado torna-se apenas um grupo que faz parte do “povo trabalhador”. Fora isso, ainda que haja diferenças sociais enormes em termos de recursos e acesso, as massas não passam incólume dentro de um radical processo de modernização. As mudanças no mundo do trabalho e no cotidiano de todos os cidadãos é visível através, por exemplo, da possibilidade da comunicação virtual.

Movimento é desencadeamento de ações, é alvoroço, fluidez, deslocamento e, portanto, não enraizamento em tradicionais instituições. Por isso, consideramos fundamental levar em consideração a análise de Alain Touraine em relação ao estudo da sociedade contemporânea, quando ele enfatiza que não basta o estudo focado em instituições. Ele sugere a necessidade de se entender a “ação social”. Na sociedade pós-industrial torna-se mais presente a percepção dos indivíduos enquanto sujeitos de direito que agem socialmente a partir da “sua condição de rede de relações sociais” (TOURAINÉ, 1985), sendo que dessa ação, pessoas se unem e se “movimentam” em busca de perspectivas e soluções.

Por fim, consideramos que é preciso continuar acompanhando e identificando as diferentes nuances do MLB e da Ocupação Lanceiros Negros, de acordo com a participação de novos membros, de organizações parceiras e simpatizantes. Assim, poderemos incrementar e complexificar a análise de algo que, sem dúvida, já produz mudança social a partir de um novo mecanismo dentro de uma sociedade com “novos padrões de dominação e novas percepções dos objetivos e interesses em jogo” (ALEXANDER, 1998, p. 11).

## Referências Bibliográficas

ABERS, Rebecca. BÜLOW, Marisa. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e sociedade? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n.28,

set/dez. 2011.

ALEXANDER, Jeffrey C. Ação Coletiva, Cultura E Sociedade Civil. Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n.37, 1998.

ANÚNCIO. Porto Alegre, **Jornal do Comércio**, 05 set.1901.

BAIERLE, Sérgio G. **Um Novo Princípio Ético-Político: prática social e sujeito nos movimentos populares urbanos em Porto Alegre nos anos 80**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Campinas - Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas,1992.

Benford, Robert D.; Snow, David A. Source. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. **Annual Review of Sociology**, v. 26 (2000). Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/223459>>. Acesso em: 07 mar.2016.

Buonfiglio, Leda Velloso. Penna, Nelba Azevedo. A luta no e pelo centro da cidade: um estudo em Porto Alegre. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, mai. 2011. Disponível em: <[seer.ufrgs.br/bgg/article/viewFile/37366/24125](http://seer.ufrgs.br/bgg/article/viewFile/37366/24125)> . Acesso em: 23 jun.2016.

CANOFRE, Fernanda. Dez anos após 1ª ocupação, Assentamento 20 de novembro se fortalece no centro de Porto Alegre. **Sul 21**. Porto Alegre, 21 jan.2017.

FRIDMAN, Luis Carlos; VACCARO, Stefania Beccattini. Laços Sociais na Babel Contemporânea. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política. v.4, n.2. dez.2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/viewFile/26119/16022>>. Acesso em: 14.jan.2017.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Partido Comunista Revolucionário (PCR). **FGV – Centro de pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-revolucionario-pcr>>. Acesso em: 14 jun.2016.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informações Déficit habitacional municipal no Brasil. **Fundação João Pinheiro**. Centro de Estatística e Informações – Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br>>. Acesso em: 10 jan.2017.

Gohn, Maria da Gloria. **Movimentos sociais e Lutas Pela Moradia**. São Paulo: Ed. Loyola, São Paulo, 1991.

GOMES, Luis Eduardo. Do medo da madrugada à emoção da vitória: a ocupação Lanceiros Negros celebra permanência. Porto Alegre, **Sul 21**, 24.mai.2016. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/do-medo-da-madrugada-a-emocao-da-vitoria-a-ocupacao-lanceiros-negros-celebra-permanencia/>>. Acesso em: 26 mai.2016.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Processo 001/1.15.0192440-1. **Diário da Justiça Eletrônico**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.tjrs.jus.br/busca/?tb=dj>>. Acesso em: 14.jan.2017.

Haubrich, Alexandre. Ocupação Lanceiros Negros Nasce no Coração de Porto Alegre. **Jornalismo B**. Porto Alegre, 15.nov.2015. Disponível em: <<http://jornalismob.com/2015/11/15/ocupacao-lanceiros-negros-nasce-no-coracao-de-porto-alegre-organizada-pelo-mlb/>>. Acesso em: 23 jun.2016.

**LANCEIROS NEGROS Estão Vivos - uma ocupação por moradia e liberdade**. Direção: *Tiago Rodrigues e Jefferson Pinheiro*. Produção: Catarse Coletivo de Comunicação. Porto Alegre: Catarse, 2016. Documentário (55 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y97fhAH7Cyc>>. Acesso em: 12 jan.2017.

MASCARA. Sul América. Porto Alegre, **Revista Máscara**, fev.1928.

McCALLUM, Cecília. BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Revista Etnográfica**, v. 16 (2), 2012. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1476> ; DOI : 10.4000/etnografica.1476>. Acesso em: 07 jun.2016.

MLB – Movimento de Luta nos Bairros, **Vilas e Favelas. MLB, essa luta é pra valer**. Disponível em: <[http://www.mlbbrazil.org/#!our\\_team/cqn6](http://www.mlbbrazil.org/#!our_team/cqn6)>. Acesso em: 13 jun.2016.

**OCUPAÇÃO LANCEIROS NEGROS**. Programa Correria - 24. Diretor: Lucas Pitta Klein. Produtor: Programa Correria, número 24. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=q\\_x9VMRcHE8](https://www.youtube.com/watch?v=q_x9VMRcHE8)>. Acesso em: 13.jan.2017.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. SALAINI Cristian Jobi. Escravos farrapos. **Revista História.com.br**. Biblioteca Nacional.19/11/2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/escravos-farrapos>>. Acessp em: 21.jan.2017.

Partido Comunista Revolucionário. **Breve Histórico do PCR**. Disponível em: <<http://pcrbrasil.org/pcr/historia/>>. Acesso em: 30 mai.2016.

PEREIRA, Cleide. Mesmo com imóveis vazios à disposição, Estado gastará R\$ 31,8 milhões em aluguéis em 2013. Porto Alegre, **Zero Hora**, 13 jul.2013. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/07/mesmo-com-imoveis-vazios-a-disposicao-estado-gastara-r-31-8-milhoes-em-alugueis-em-2013-4198992.html>>.

PRÉDIO no Centro da Capital é símbolo da luta por moradia. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 23 abr.2014. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=523803>>,. Acesso em: 19 jun.2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1992.

RASCHKE, Joachim. Sobre el concepto de movimiento social. **Zona Abierta**, Madrid, n. 69, 1994.

REINTEGRAÇÃO de posse de Lanceiros Negros é suspensa em Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 mai.2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2016/05/587940/Reintegracao-de-posse-de-Lanceiros-Negros-e-suspensa-em-Porto-Alegre>>. Acesso em: 18 jan.2017.

Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira. Movimento Social e Partidos Políticos. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, v.1, n.3, novembro 1994. Disponível em:

<[1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/download/49/50](http://1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/download/49/50)>. Acesso em: 23.jun.2016.

Scherer-Warren, Ilse. Das Mobilizações às Redes De movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SILVA, Cleiton Ferreira da. **O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) e a política de autogestão: análise de uma experiência no bairro da Iputinga, Recife**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SOARES, Fabio Montalvão. A produção de subjetividade no contexto do capitalismo contemporâneo: Guattari e Negri. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 28, n. 1, jan./abr. 2016.

TOURAINÉ, Alain. An Introduction to the Study of Social Movements. **Social Research**, v. 52, n. 4, Social Movements, 1985. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40970397> >. Acesso em: 15.mar.2016.

\_\_\_\_\_. **Crítica de la modernidad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1994.

WAGNER, Leonice. Sobre o “envelhecimento” dos “novos” movimentos sociais na Alemanha. Reflexões teóricas acerca de crise, paralisia e fim de um modelo exitoso. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v.2, n.1, jun.2002.